



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Rubião Meira

* Lycurgo de Castro Santos Filho

Felizes foram nesta vida aqueles que depois de mortos podem ser lembrados pela afabilidade no trato e pela cordura nos modos. O professor Rubião Meira foi um desses.

Não o conheci pessoalmente, mas sobre ele ouvi constantes e elogiosas referências exaradas por médicos meus parentes, dentre eles o meio tio afim Anfrísio Gouvêa, que o conheceu no Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, ao qual ambos pertenceram e no qual Rubião Meira chefiava a Demografia Sanitária. Dizia Anfrísio, com o maior respeito: "O professor Rubião é um homem bom, um clínico notável, o Miguel Couto de São Paulo".

Homem bom ele foi, e generoso, "Um perdulário da bondade", como o chamou o seu amigo e colega da Faculdade de Medicina, o professor Antônio de Almeida Prado. Aliás, foi a este que Rubião dedicou o seu livro de "impressões pessoais" de "Médicos de Ourora", publicado em 1937. Também foi neste volume, escrito ao correr da pena e baseado apenas em lembranças, que Rubião se revelou escritor, um emérito e também um cordial narrador. Na dedicatória ao amigo Almeida Prado, pediu-lhe que continuasse a "ensinar a ser bom", que é, disse, "a melhor maneira de se trabalhar na vida. Esta é curta e triste, demonstram-no essas páginas de saudades escritas com o turvor de lágrimas".

Não obstante o tom melancólico — e as recordações dos colegas são emotivas, sentimentais —, há também alusões a episódios engraçados, factos, como o que se passou com um quartanista de medicina que no Rio de Janeiro, para impressionar o examinador, o professor Pedro Severiano de Magalhães, lente de Patologia Cirúrgica, "uma das nossas antigas glórias", como escreveu Rubião, "e homem neurastênico, insuportável", compareceu — o aluno — ao exame final com a cabeça inteiramente raspada, e raspados o bigode, a barba e as sobrancelhas. "Sua figura lembrava uma bola de bilhar." Quando Severiano deu com a fisionomia do examinado, não se conteve e gritou: "Ponha-se lá fora, não o examinou, saia de minha presença" e "gritou e esbravejou

e fez tal barulho que o aluno teve de retirar-se, embora protestando, como se ignorasse o motivo da exasperação do mestre".

A transcrição ora feita denota a faceta de bonomia que existia em Rubião. Tolerante, emotivo, sentimental, sabia impor respeito e o seu semblante refletia, nos momentos requeridos, dureza e braveza, como registrou um seu discípulo, o também professor Luís Decourt.

Mais gordo que magro, fisionomia aberta, infundia simpatia e confiança, tanto aos clientes como aos alunos. Casado, com descendência, um seu filho veio a ser o professor João Alves Meira. Além do livro "Médicos de Ourora", Rubião publicou, fora da área médica, contos reunidos no volume "Turbilhões", cujos personagens são "tipos mórbidos, infelizes, degenerados e sofrendores". Paradoxalmente, uma antítese do autor, mas que tem a sua explicação, como bem avaliou o seu colega, o professor Antônio Carlos Pacheco e Silva: Rubião, um otimista, repito, um bonachão, "com manifesta predileção para assuntos jocosos e ditos chistosos", poupava aos clientes e familiares as cenas da miséria humana, escondendo-as em sua mente e expondo-as em sua obra de ficção.

Eis aí o homem que nasceu em Pirai, na então província do Rio de Janeiro, em 1878, e falecido em São Paulo em 1946, teve uma vida plena de vitoriosas realizações, tais como o ensinamento da Clínica Médica na Faculdade de Medicina de São Paulo, o exercício da reitoria da Universidade de São Paulo, a fundação de uma cadeira na Academia Paulista de Letras e a presidência da Associação Paulista de Medicina.

Neste Dia do Médico, 18 de outubro de 1991, quatro das mais respeitáveis associações culturais de São Paulo, a Academia Paulista de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Associação Paulista de Medicina e a Academia Paulista de História, reverenciam a memória de um dos maiores nomes da Medicina paulista e brasileira, o professor Domingos Rubião Alves Meira.

* Lycurgo de Castro Santos Filho já presidiu a Academia Paulista de Letras, sendo atualmente presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

"In memoriam" Walter Edgar Maffei

Jorge Michalany

A primeira vez que ouvi falar de Maffei foi em 1944. Soube que houvera desinteligência na Faculdade de Medicina de São Paulo e que um dos assistentes da Cadeira de Anatomia Patológica, Walter Edgar Maffei, fora posto em disponibilidade. Um tipo do contra, diziam-me. Mas eu, então ligado só à Escola Paulista de Medicina, lá ia importar-me com esse tal Maffei. Já chegava para mim ser considerado também do contra.

Voltei a ouvir falar em Maffei três anos depois quando, no Exterior, fui trabalhar na Universidade de Montreal com o famoso prof. Pierre Masson. Certo dia ele perguntou-me se eu conhecia Maffei, porque havia lido um trabalho seu sobre meningiomas, por sinal muito original. Quando esse gênio da histopatologia disse que tal trabalho era bom, passei a fazer outra idéia de Maffei, pelo menos do lado científico, pois Masson era um homem que sabia julgar os trabalhos de outrem. Tanto assim que esse trabalho de meningiomas é citado em seu clássico livro "Les Tumeurs Humaines".

Do Canadá dirigi-me aos Estados Unidos e de lá ao México, onde no Instituto Nacional de Cardiologia fui trabalhar com o prof. Costero em técnicas argentícas. Naquele Instituto encontrei um médico brasileiro que se tornou um dos meus maiores amigos, um verdadeiro gênio, Ennio Barbato. E Barbato achava que eu, voltando ao Brasil, deveria entrar em contato com Maffei, pois no seu dizer, tratava-se de pessoa muito inteligente e que gostava de ensinar a quem quer que fosse. O próprio Barbato fizera um estágio com Maffei.

Quando de volta ao Brasil e, em companhia de Roberto Aida Aun, fui conhecer Maffei, fiquei um pouco decepcionado com seu aspecto físico — eu tinha mania de ser atleta — mas em compensação, entusiasmado com sua personalidade: agitado como eu. Ao mostrar-lhe uma preparação contendo um neuroma do apêndice, daqueles descritos por Masson, ele olhou, achou interessante e disse: "Porque não faz uma tese com um assunto desse?" Pela primeira vez de volta do Exterior, alguém, um estrangeiro, vinha falar em tese para mim. Assim começou minha amizade com Maffei.

Trabalhando quase só em Santos, passei a ir aos sábados no Hospital do Juqueri. Assim que chegava à Estação da Luz, lá estava Maffei com o seu inseparável guarda-chuva e/ou guarda-sol, pois se em Juqueri estivesse fazendo sol, ele abria o guarda-chuva e se fizesse chuva ele fechava o guarda-sol. As sátiras de Maffei atingiram até a meteorologia. Assistir a uma reunião anatomoclínica em Juqueri era um fato inédito. Além de se aprender que mínimas alterações congê-

nitas existiam realmente em muitos encéfalos, suas tiradas jocosas despertavam às vezes discussões que pareciam terminar em pugilato. Mas acontece que Maffei tinha o dom de dizer tudo para o opositor, sem que este interpretasse a discordância como um ato de agressividade. Essa a grande personalidade de Maffei, uma espécie de Cyrano de Bergerac, que fazia versos jocosos enquanto feria o adversário com sua espada.

Mas o que dizer do Maffei professor, do chefe de escola de anatomia patológica e do homem?

Concordando-se ou não com suas idéias de patologia congênita, alérgica e hipoclorídrica, ninguém pode negar que Maffei foi um grande professor que despertava a atenção do aluno para os problemas da patologia geral, e, mais ainda, da medicina geral. Na era atual da pesquisa biológica mecanizada, em que mais vale o resultado estatístico do que a conclusão de um fato pela vivência do médico em determinados problemas; na era atual do ensino-médico, em que é quase crime falar-se em assuntos gerais ou fatos da história da medicina, porque não rendem promoção, Maffei conseguia atrair os jovens estudantes, aliando nas suas magistrais e longas aulas o ensino com a crítica a respeito de idiotice e vaidade daqueles que desprezavam a Medicina clássica e a cultura humanística.

E assim, de ano em ano, apesar dos ventos contrários, esse pequenino Cyrano de Bergerac realizou uma grande obra para a Anatomia Patológica brasileira: discípulos na Faculdade de Medicina da USP, no Hospital do Juqueri, na Faculdade de Medicina de Sorocaba, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e seus dois conhecidos livros, além de outras publicações.

Não bastasse isso, Maffei era um homem bom, pois jamais negava nada a ninguém: consultas de diagnósticos, execução de fotomicrografias, conferências, aulas, palestras, participação em bancas examinadoras e até montagem de fonógrafos de alta fidelidade para amigos. E assim eu, como fundador do Departamento de Anatomia Patológica da Associação Paulista de Medicina, como colega de Magistério, como um quase discípulo e como amigo, não poderia deixar de expressar minha homenagem póstuma a Walter Edgar Maffei, o inesquecível professor, chefe da escola e grande incentivador da Anatomia Patológica em São Paulo e no Brasil.

* Jorge Michalany é professor titular jubilado de Anatomia Patológica da Escola Paulista de Medicina e professor titular da mesma disciplina na Faculdade de Medicina da Universidade de Presidente Prudente.

Os anos de

Censo, longevidade

* José Vicente Barbosa Corrêa

** Antônio Wagner Rosino

*** Henrique M. Barbosa Corrêa

Nos dias que correm a sociedade vem se preocupando, cada vez mais, com os efeitos e os desdobramentos dos problemas psico-sócio-econômicos relacionados com o **longevidade e a expectativa de vida** do homem contemporâneo.

Em dezembro passado, a imprensa comentava, praticamente sem alarde, o falecimento do dentista que viveu 22 anos, sentindo bater no peito um coração transplantado. O teor da pequena nota contrastava, no entanto, com a ampla divulgação dada por ocasião do sucesso alcançado pela intervenção cirúrgica.

Notícias de televisão sobre o recenseamento nacional ora em andamento em todo o País, deram há pouco como curiosidade o registro de um casal de centenários cidadãos brasileiros que formavam o mais idoso par cadastrado.

Segundo, ainda, cálculos do governo de São Paulo, o Estado conta hoje com cerca de 547 mil funcionários e 165 mil aposentados, com uma média aproximada de um inativo para cada três servidores em exercício, nas funções. No ano 2003, em pleno século XXI, haverá um aposentado para cada servidor da ativa. Os gastos previstos irão representar 62% da folha de pagamento.

Em decorrência, as preocupadas autoridades estudam medidas que possam evitar a elevação dos encargos sociais, que, conforme se anuncia, ocasiona-

rão vultoso "rombo" nas finanças estaduais!

Os destaques até aqui expostos justificam algumas considerações a respeito da velhice e do futuro da expectativa de vida do homem moderno.

"A esperança de vida não deve ser confundida com a duração máxima da vida, que constitui um limite biológico inerente à espécie. Embora imprecisamente fixado, admite-se geralmente que esse limite esteja fixado pouco acima dos cem anos, parecendo improvável que tenha experimentado qualquer alteração ao longo dos séculos. Já a esperança de vida, representando um valor sujeito às influências do meio, tem sofrido modificações substanciais com o correr do tempo, na medida em que as condições gerais de vida melhoraram e as conquistas da ciência e da tecnologia são colocadas a serviço do homem" (Almeida Filho & Rouquayrol).

Atualmente, a epidemiologia se vale de indicadores como o chamado APVP - Anos Potenciais de Vida Perdidos, que tem por objetivo permitir comparar a importância relativa de diferentes causas de morte para uma dada população. Desta forma, o APVP pode auxiliar o planejador de saúde a definir prioridades nas ações, particularmente quanto à prevenção de mortes prematuras.

Outro conceito moderno que vem sendo empregado é o Q.A.L.Y. - Anos de Vida Ajustados por Qualidade. Neste indicador considera-se a importância da qualidade de vida examinados que são em três

faixas etárias expressas, por exemplo: a) até quinze anos; b) de quinze a cinquenta e, a última, c) acima de cinquenta anos. Existem diferenças nos óbitos decorrentes da potencialidade produtiva de cada uma das faixas consideradas e efetivamente se pode imaginar as consequências de tais variações.

De outra parte a longevidade dos antigos patriarcas do Velho Testamento sempre foi tema muito polêmico. Para alguns críticos seria fruto da imaginação dos escribas preocupados em exaltar as qualidades dos pais da humanidade, dos profetas e dos heróis pré-históricos.

Em 1985, chamado a se manifestar sobre este empolgante tema, em decorrência do elevado conceito científico e cultural de que gozava, sir Peter Brian Medawar, eminente cientista britânico, prêmio Nobel de Fisiologia, publicou maduras e interessantes reflexões. Analisou ele a expectativa de vida na Suécia, país industrializado do Primeiro Mundo e com bem desenvolvido serviço médico e de saúde pública (veja quadro abaixo).

A esperança de vida ao nascer aumentou dramaticamente, mas em contrapartida os valores são bem menores quando se considera os indivíduos aos sessenta e aos oitenta anos. As variáveis independentes, principais responsáveis pelo espetacular aumento da expectativa ao nascimento, especialmente com relação à mortalidade perinatal e à mortalidade infantil, atingiram limites extraordinários, entretanto não se espera mais, em futuro próximo, qualquer elevação significativa. Há expectativa, acredita-se, de aumento com relação às taxas dos sessenta anos, mas, indaga-se, quais as consequências que advirão se esta circunstância ocorrer?

Críticos sociais, considerando-se representantes da consciência do mundo, julgaram, com horror, que a prolongação da vida teria um caráter não religioso, posto que viria contrariar o conceito bíblico contido no Salmo 90, versículo 10, que textualmente estabelece: "A duração da nossa vida é de setenta anos e, se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta, o melhor

deles é...

Para M...
vras dos...
vem ser...
mo um...
como...
poeta...
ainda...
palavras...
tomaram...
nas ap...
moderno...
mada te...
como a...
nética...
diário...
alguns...
(Asimov)...
alguns...
por que...
consider...
lapso de...
da da h?

O in...
mo se sari...
os paisa...
prios in...
ser mar...
das ant...
períodos...
dos pen...
dade co...
múltiplo...
gico drab...
(Gonzag

Os es...
tes de Nov...
radores 72...
tram q...
mortalida...
em outr...
no século...
se inter...
dente dar...
ca dire...
mente, sid...
da melh...
da alim...
ção de...
pública...
tais cor...
evoluçã...
captacão...
das águ...
tros urb...

Razão

TABLE I. MEAN EXPECTATION OF LIFE OF MALES AND FEMALES IN SWEDEN OVER TWO CENTURIES

PERIOD		MEAN EXPECTATION OF AGE		
		0	60	80
1775 - 1776	MEN	33,20	12,24	4,27
	WOMEN	35,70	13,08	4,47
1856 - 1860	MEN	40,48	13,12	3,12
	WOMEN	44,15	14,04	4,91
1936 - 1940	MEN	64,30	16,35	5,25
	WOMEN	66,90	17,19	5,49
1971 - 1975	MEN	72,07	17,65	6,08
	WOMEN	77,65	21,29	7,28

...nossa vida...

expectativa de vida

ira e enfa-
ar, as pala-
stas não de-
pretadas co-
divino, mas
conjectura do
s analistas,
nem que as
poeta bíblico
alidade ape-
vento dos
ursos da cha-
tica armada,
nância mag-
terismo car-
nhrar apenas
ais recentes
al proporem
va questão -
o salmista
se particular
o, para a vi-
?

velhice, co-
ria conforme
aças e os pró-
os e não pode
com a certeza
ncepções dos
s tão a gosto
es da Antigui-
o índice 63,
número má-
abes antigos

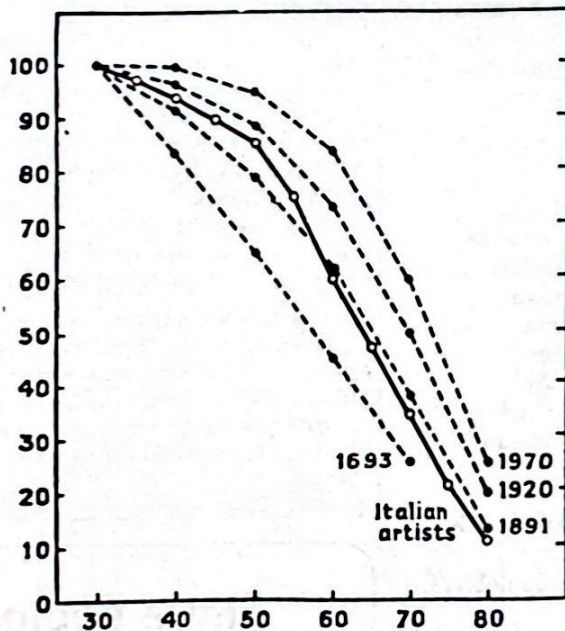
mais recen-
own e colabo-
2) demons-
declínio da
a Inglaterra e
es europeus,
gado, foi qua-
cte indepen-
venção médi-
e, provavel-
ido resultante
das condições
ão e da ado-
das de saúde
adequadas,
observou na
sistema da
o tratamento
grandes cen-

gere mesmo

que esses avanços com a higiene pessoal foram de relevante importância. Acompanhando essa linha de pensamento Mc Manus (1975) estudou um numeroso grupo de artistas das classes média e elevada da Renascença italiana, nascidos entre 1250 e 1550. Estes homens envolvidos com as artes e as coisas do espírito e do pensamento tinham acesso a uma boa alimentação e a superiores condições de vida para a época. Uma comparação das curvas de sobrevivência destes artistas com as de homens de idêntica situação na Inglaterra de 1693 a 1970 mostrava que a curva de sobrevivência dos intelectuais italianos era similar à correspondente inglesa do ano de 1891 (veja quadro abaixo).

e possuíam um bom padrão de higiene, como bem se evidência no Livro de Levíticos, poder-se-ia esperar que a sobrevivência dos adultos daquele povo fosse comparável à dos artistas italianos estudados e igualmente àquela dos adultos na Inglaterra dos fins do século passado. O argumento seria válido somente para a sobrevivência de adultos, visto que se deve levar em conta o fato de que a mortalidade infantil na Inglaterra apenas começou a declinar no início do nosso século, sendo anteriormente bastante alta. Na Itália do Renascimento, tanto quanto em Israel do Velho Testamento, a mortalidade infantil era provavelmente também bem elevada.

Desnecessário seria dizer,



Partindo dos achados demográficos destas chamadas variáveis sociais Mc Manus elabora uma hipótese para a possível resposta à questão vinculada ao Salmo 90. Se as tribos de Israel eram bem alimentadas

como conclui Medawar, que ninguém pretende ver o mundo provado de anciãos caducos, mas, ao contrário, o que se espera é uma readaptação do tempo de vida, de tal forma que alguém com noventa

anos venha a ter o mesmo vigor daquele que hoje, gozando boa saúde, esteja com setenta. Com rara felicidade, já Herófilo há dois mil anos, na velha Grécia, afiançava: "Quando não há saúde, a arte e a ciência não se podem manifestar; a força torna-se impotente; a riqueza, inútil e a eloquência, inexpressiva."

O exemplo solitário mas edificante do Chanceler Adenauer, octagenário e vigoroso condutor dos destinos da Alemanha do pós guerra, seria um paradigma desejável.

Tais transformações clamam, é verdade, por um reajustamento também social, que não deve ser encarado como dificuldade insuperável. Em outros tempos eles já ocorreram.

De fato, quando Jane Austen (1785-1817), escreveu seus romances, um homem de trinta e cinco anos era considerado muito vivido e uma mulher de quarenta não esperava viver até os cinqüenta e cinco.

Perspectivas de melhores e mais elevadas esperanças de vida se apóiam nas últimas décadas, diz Medawar, em trabalhos experimentais de Dehan Harman, da Universidade de Nebraska, e nos pensamentos de Linus Pauling, insigne cientista duas vezes laureado com o prêmio Nobel. Harman, cujos trabalhos foram recebidos com indiferença e certo ceticismo, acredita que a principal causa das importantes mudanças degenerativas que acompanham e constituem o processo de senescência reside nos efeitos destrutivos dos denomi-

nados **radicais-livres**, em função da grande avidéz química do fragmento molecular do elétron livre existente nas células vivas do homem. O autor citado crê também que o poder destrutivo assim identificado possa ser anulado ou atenuado pela ação de antioxidantes, e que a ministração destes últimos possam prolongar a vida em animais de laboratório.

É, pois, grande o desafio. Cabe às atuais gerações dirigentes aceitarem o repto ou serem elas mesmas, no futuro, absorvidas e engolfadas pela inexorabilidade do tempo.

A descoberta do elixir da vida, já se escreveu, não foi apenas uma vã tentativa dos alquimistas e mágicos da antigüidade, mas se continua na preocupação dos biólogos modernos, que apenas trocam as retortas de laboratório pelos experimentos da bioengenharia, da cibernética e tantos outros progressos modernos postos à disposição do homem, sempre na eterna busca daquela condição definida pela Organização Mundial da Saúde: "Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social." Por mais que forem os anos de nossas vidas.

* José Vicente Barbosa Corrêa é ex-diretor executivo do Instituto de Ortopedia "Godoy Moreira" do HC de São Paulo.

** Antonio Wagner Rosino é professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito de São Bernardo.

*** Henrique M. Barbosa Corrêa é ex-presidente do Hospital Anchieta de São Paulo.

Homenagem a sir Alexander Fleming

*J.J. Barros

O ano é catorze, o clima é de guerra,
Nos campos da Europa a vida é um jogo.
Desnuda é a terra,
As trevas rasgadas por arcos de fogo.
A luta é renhida, é dura a batalha,
Os amplos espaços varreu a metralha,
Nas ermas campinas ribomba o canhão.
E há gritos sofridos de homens feridos
Rolando no chão.

Na frágil barraca, em lama atolado,
Um jovem tenente, ao ver carregados
Destroços de homens, sem mais sobrevida,
Se mostra aturdido, se encontra angustiado
Com tanta desdita.

Na simples guarida, percebe o tenente,
— Que foi voluntário, dos riscos ciente —,
Aqueles que ainda chegam com vida
Não contam com chance, estão condenados.

Micróbios vorazes já estão nas feridas,
Nos ossos expostos, entranhas ao vento,
Fazendo dos corpos dos pobres soldados
Repasto de germes. Em pus mergulhados,
Febris, fedorentos, cruéis sofrimentos,
Sua carne desfeita em podres fragmentos,
A morte um alívio, o fim dos tormentos.

Reflete o tenente, tão pasmo de horror,
Que nada há que possa ser feito a favor.
Por falta de meios, só vê-los sofrer,
De mãos amarrados, só vê-los morrer...
E assim, quatro anos, do Mundo a Primeira,
Catorze a dezoito, a Guerra durou.
Milhares de vidas, ao pé das trincheiras,
A morte ceifou.
Sem conta se foram, os corpos nauseantes,
Infectos, disformes, dores lancinantes,
Por febres ardentes, malsãs, consumidos,
Na ausência de drogas que tenham podido
o pus combater.

E o triste tenente, na Escócia nascido,
Das tropas inglesas, perito doutor,
A Londres regressa, frustrado, abatido,
O tempo perdido, sem ter conseguido
Nem contra as bactérias, seu cruel inimigo
Impor seu valor.
Três anos mais tarde, foi em vinte e um,
Do médico alerta, feliz descoberta:
Era a lisozima, do corpo uma enzima.
Um certo levedo,
Que a lágrima humana guardava em segredo,
E curas fazia, em certas instâncias.

Enorme progresso, nestas circunstâncias.
Na Real Sociedade, dezembro era o mês,
Perante os colegas, relato ele fez.

Mostrou seus achados, com satisfação,
Sem ter recebido, sequer, atenção.
Oito anos se foram, na busca incessante
Da cura das doenças do seu semelhante,
Até que num dia, não mais que um instante,
Poeira invisível de esporos caiu.
Crosta bolorenta, cinzenta, cobriu
Cruéis, virulentos, perigo mortal,
Estafilococos, em placa de agar.

A tênue penugem que os revestiu,
Potente, implacável, os germes destruiu!
Foi em vinte e nove, no mês de abril.
No duro combate, na árdua disputa,
A penicilina ganhava sua luta,
E à humanidade um gênio legava
Possante remédio, que vidas salvava.
Ainda outra feita, teimoso, o doutor
Da Real Sociedade sofreu dissabor,
Não teve, de novo, a menor atenção,
As costas lhe voltam, os doutos de então.
Do mofo divino, com dificuldade,
Pequenas parcelas, a custo produz.

Devido aos limites com a quantidade,
Ainda se morre, por causa do pus.
Em meio ia a Guerra, do Mundo a Segunda,
Sem conta de vidas, também a cobrar.
Em quarenta e três, num meio fecundo,
A indústria consegue o fungo aumentar.
Para os combatentes, seu uso bendito
Mil curas permite, mil frentes abriu.

E ao se findar o sangrento conflito,
Ficou disponível pra uso civil.
Esta terapia, rotina hoje em dia,
Se deve ao talento, paciência inaudita,
À crença, à coragem, visão idealista
E à persistência do ilustre cientista.
Nascido em agosto, o dia foi seis,
De mil oitocentos e oitenta e um.
Era o dia onze, março foi o mês
De cinquenta e cinco. Em solo inglês,
Morria este Homem, enfim afamado,
Com Nobel premiado.

Foi FLEMING o nome, prenome ALEXAN-
DER,
Foi SIR, consagrado, em tom de nobreza,
Pela realeza.
De fama aureolado, coberto de glória.
Senhores, sentido! Um preito à grandeza!
Com todas as lutas, notável beleza,
Esta é sua história...

* Homenagem a sir Alexander Fleming no 110.º aniversário de seu nascimento. J.J. Barros é professor aposentado da Faculdade de Odontologia da USP. Atualmente é professor titular da Faculdade de Odontologia de Mogi das Cruzes.

Coluna do livro

Lycurgo de Castro Santos Filho lançou recentemente a obra, em dois volumes, *História Geral da Medicina Brasileira*, ed. Hucitec Edusp.

O autor, ilustre médico, beletrista, historiador, filho, neto e bisneto paterno e materno de médicos, é formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Exerceu a arte de curar em Campinas, tendo lecionado na Faculdade de Medicina da Unicamp e na PUC de Campinas. Escreveu mais de cento e cinquenta títulos sobre a história da medicina brasileira. É membro das Academias Nacional de Medicina, Paulista de Letras, Campinense de Letras, Piauiense de Letras, Cearense de Medicina e dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiro, de Minas Gerais e de Santa Catarina. Foi presidente da Academia Paulista de Letras e é o atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Sua pena, muito fina e precisa, fixa em maravilhosos capítulos a história da medicina pátria. Conta-nos sobre os cirurgões, os boticários, as boticas e os medicamentos que então se usavam. Revive os barbeiros, que, além de cortar cabelo e fazer barba, praticavam pequenas cirurgias, aplicavam ventosas, sanguessugas e clisteres.

O livro é um verdadeiro tratado da história da medicina nacional e sem dúvida o melhor. Aborda inúmeros assuntos, entre eles, o curandeirismo e a medicina popular, o ensino médico e as faculdades de medicina, as academias médicas, as especialidades médicas, o folclore, a medicina militar etc. Historiando outros assuntos correlatos, discorre sobre a Veterinária, a Enfermagem e a Odontologia, demonstrando raro saber, tornando o trabalho de utilidade singular sob todos os seus aspectos.

A obra é indispensável não só para os estudantes de Medicina, médicos e paramédicos, como também para todos os que desejarem boa leitura. Desde as primeiras páginas o texto envolve, prende a atenção pelo conteúdo e seduz pelo estilo. É excelente.

G.A.P.

**Fique sócio
da APM.**
Participe do
Departamento Cultural